

ASHLEY HERRING BLAKE

Autora de *Delilah Green não está nem aí*

Vai sonhando, Ramona Riley

“Um romance sáfico delicado e sensual, com bastidores de filme, dramas familiares e uma linda história de amor.”

— AMY SPALDING,
autora de *For Her Consideration*



Nota da autora

Embora a história deste livro seja alegre, saiba que a trama traz temas sensíveis, como uso de álcool, negligência parental, abandono parental, menção a uso de drogas no passado, embriaguez e discussões a respeito de sobriedade. Também há cenas explícitas de sexo consensual. Por favor, leia esta história com cuidado; cuide-se sempre.

Um

RAMONA RILEY NÃO ERA de entrar em pânico por causa de astrologia.

Na verdade, não era de entrar em pânico por nada. Aos 31 anos, já tinha aprendido que a vida de todo mundo, inclusive a dela, fluía muito melhor quando mantinha os dois pés bem firmes no chão. Por isso, quando April, sua melhor amiga desde o quarto ano, começou a ler o destino do signo de Libra em voz alta pela segunda vez nos últimos dez minutos, com as sobran-celhas arqueadas quase tocando o cabelo curtinho com mechas vermelhas, Ramona não se abalou.

– Ouviu isso? – perguntou April, tocando a tela do celular, sentada numa mesa nos bastidores do auditório da Clover Lake Middle School.

– Ouvi – respondeu Ramona, prendendo uma fita de renda azul-esverdeada no ombro de uma menina de 12 anos. – A Camila também ouviu.

– Ouvi mesmo – confirmou Camila, brincando com a renda e sorrindo para o próprio reflexo no espelho.

Seu longo cabelo preto estava preso num rabo de cavalo alto, e, modéstia à parte, Ramona achava que a fantasia da menina, toda em tons de preto e azul-turquesa (calça jeans rasgada, rendas intrincadas, batom e sombra cintilantes no mesmo tom de azul), a transformava numa versão steampunk perfeita de Peter Pan.

– Pelo visto, sua vida vai mudar essa semana – disse Camila, repetindo a previsão.

– Que emocionante – respondeu Ramona, piscando para a menina e prendendo na cintura dela o cinto preto coberto de tampinhas de garrafa de refrigerante com uma fivela de cinto de segurança. Ficou um pouco largo,

e, com o corpo esbelto e os coturnos grandalhões, Camila estava com um visual bem fodão.

Ramona nunca diria essa palavra na frente de uma das alunas pré-adolescentes do pai, mas pensar não tinha problema.

– Então tá – disse April, apoiando na mesa as pernas, em seu jeans preto, e cruzando os braços cheios de tatuagens. – Pelo jeito, nenhuma das duas estava prestando atenção. As revelações extraordinárias de Madame Andrômeda para o signo de Libra não falam que sua vida vai mudar esta semana.

– Vou mudar de casa, então? – perguntou Ramona.

Camila deu uma risadinha.

– Aqui diz – continuou April, apertando com força a tela do celular –, abre aspas: “*Esta semana, quando Vênus se aproxima de Câncer, prepare-se para desafios e oportunidades que podem alterar sua perspectiva e aprofundar sua compreensão do seu propósito de vida.*”

– Ainda acho que parece “sua vida vai mudar” – disse Camila, dando de ombros.

– Claro que parece! – exclamou April, levantando os braços em sinal de impaciência. – Óbvio que é uma mudança de vida, mas Madame Andrômeda não diz que *vai* acontecer. Ela diz que *pode* acontecer. E *pode* significa que cabe a você realizar essa mudança, entendeu?

Com essa declaração, April soltou um suspiro profundo, voltando a rolar a tela.

– Ela está bem? – sussurrou Camila.

Sinceramente, Ramona não sabia, mas não estava a fim (e jamais estaria) de comentar com uma pré-adolescente sobre a opinião de sua melhor amiga de que ela estava desperdiçando a vida ali em Clover Lake, New Hampshire. Tinha muita experiência com aquela faixa etária, em parte pela época tumultuada em que sua irmã Olive estudara naquela mesma escola e em parte pelo fato de o pai ser professor de inglês do oitavo ano e diretor do clube de teatro estudantil. Ramona havia aprendido que entender nuances não era o forte daquelas criaturinhas.

– Ela está ótima, querida – respondeu, então pegou as mãos de Camila e a fez abrir os braços. – E você, Peter Pan, está sensacional.

Com um sorriso, Camila correu para o palco e se juntou aos seus Garo-

tos Perdidos. Ramona havia planejado para eles uma fantasia que os fazia parecer fugitivos de uma escola particular chique: saia xadrez desgastada, meia-calça rasgada, botas de tudo quanto era cor, camisetas de bandas dos anos 1970... praticamente qualquer coisa que conseguira encontrar por cinco dólares ou menos no brechó da Thayer, no centro da cidade.

– Sua vez, Sininho! – gritou Ramona para Bellamy.

Bellamy se aproximou. Já vestia um colete de couro marrom justinho e uma saia verde com estampa de hera, que a própria Ramona havia feito, e seus braços marrons tinham alguns rastros estratégicos de glitter. Só precisava das asas de gaze, de um cinto grosso cheio de bugigangas (uma tesoura de jardinagem enferrujada e uma lupa) e de um par antigo de óculos de proteção de couro no alto da cabeça.

April observou calmamente a amiga dar os toques finais na fantasia de Bellamy.

– O que foi? – perguntou Ramona, espalhando um pouco de glitter nas bochechas de Bellamy.

– Quantas já foram? – indagou April.

– Quantas o quê? – retrucou Ramona, mesmo sabendo a resposta.

E, pelo erguer de sobrancelhas de April, ela *sabia* que Ramona sabia.

Ramona suspirou, cumprimentou Bellamy com um soquinho e mandou a criança se juntar ao restante do elenco, que esperava ser chamado ao palco para a matinê de sábado à tarde. Desde que Steven Riley, o pai de Ramona, assumira o clube de teatro, oito anos antes, o grupo sempre montava uma peça no mês de maio. Toda a cidade de Clover Lake comparecia a pelo menos um dos quatro espetáculos encenados ao longo do fim de semana, mesmo quem não tinha filhos matriculados na escola nem atuando na peça.

Isso tudo para conferir as produções de Steven.

E metade do sucesso se devia aos figurinos de Ramona.

Pelo menos... era o que ela tinha ouvido dizer.

– Nove – respondeu Ramona.

– Peças de *escola* – disse April. – Do ensino fundamental. Isso sem falar do ensino médio e da propaganda gratuita que você faz das lojas de material artístico. Ah, e não vamos esquecer o proeminente teatro comunitário de Clover Lake. Há oportunidades inestimáveis naquelas produções dignas da

Broadway. Meu Deus, se fizerem uma peça de estilo cabaré este verão, eu juro que vou...

– Dá para ir direto ao ponto? – pediu Ramona, adicionando ao cinto de utilidades uma fita métrica, alfinetes de segurança, velcro e qualquer outra coisa que pudesse ser necessária durante o espetáculo, caso surgisse algum problema com as fantasias.

– Direto ao ponto? – perguntou April. – Você ainda não sabe qual é o ponto?

– Anda logo com isso.

– Estamos em maio.

– Até aí eu sei.

– Olive vai embora para Nashville no final de agosto.

Ramona olhou para o palco, sentindo o rosto esquentar. Ela não começava a chorar sempre que pensava na irmã caçula terminando o colégio e partindo para a Universidade Vanderbilt no fim do verão, mas seu corpo definitivamente reagia como se estivesse entrando em modo de luta ou fuga.

– Amiga – disse April, agora com mais carinho –, vai ser ótimo para ela.

Ramona apenas assentiu, pois se sentia incapaz de falar qualquer coisa. A não ser por aquele único ano em que havia estudado na Escola de Design de Rhode Island, Ramona não ficava longe de Olive desde que a menina nascera. Ramona tinha 13 anos na época. A mãe delas foi embora quando Olive estava com apenas 6 meses; pelo jeito, a maternidade não tinha correspondido às expectativas, e Rebecca Riley partira em busca de uma vida melhor, só Deus sabia onde. Assim, perto do final daquele primeiro ano na Escola de Design, quando o pai fraturou a perna num acidente de carro que por pura sorte não o matou, Ramona não teve escolha a não ser voltar para casa, arranjar um emprego no Café da Lua enquanto o pai reaprendia a andar e ajudar a cuidar da irmã de 6 anos.

Isso fora doze anos antes.

Doze anos de Olive ralando os joelhos e jogando softball – incluindo os três anos do ensino médio em que ela jogou em cidades por todo o estado, fazendo Ramona levá-la de carro para todo lado. Doze anos de Olive chorando em seu colo por causa das meninas malvadas da escola, depois seu alívio imenso quando a caçula fez amizade com Marley Bristow, no oitavo

ano, e as duas pararam de se importar com as meninas malvadas e passaram a se concentrar em estratégias de arremesso e nas tranças ornamentadas usadas nas partidas de softball. Doze anos de Olive se apaixonando por garotos que, na opinião de Ramona, não serviam para sua irmã; de momentos como aquele em que a flagrou no quarto dando uns amassos com Ethan Townes, aos 16 anos, o que as levou a uma conversa sobre camisinha que terminou com Ramona deixando um pacote inteiro na mesa de cabeceira da irmã, que foi se esconder no chuveiro.

Doze anos de risadas, lágrimas e perguntas, e tudo aquilo estava chegando ao fim. Ramona não precisaria mais se preocupar com os possíveis conflitos entre seu horário de trabalho no café e as partidas de softball em outras cidades. Logo não precisaria ficar acordada até Olive chegar em casa depois de uma festa, nem levá-la ao ginecologista.

Olive agora era adulta.

Em breve sairia de casa.

E, ao contrário de Ramona, não ia voltar. Ramona ia garantir que ela não precisasse voltar.

Apesar de todo o entusiasmo com o futuro da irmã, ela precisava admitir que encarar o “ninho vazio” aos 31 anos era meio atordoante.

Na opinião de April, a partida de Olive era o passe livre de Ramona. A amiga adorava Olive, tinha ajudado a criá-la, mas era apaixonada pela ideia de perseguir uma paixão. Também havia estudado na Escola de Design, mas voltado para casa com um diploma em ilustração e aberto um estúdio de tatuagem, seu sonho desde que fizera a primeira, na parte interna do braço, aos 18 anos: uma mulher em tons de preto e cinza ostentando uma cauda de escorpião, porque ela tinha Sol, Lua e ascendente em Escorpião. Estava feliz tatuando turistas e moradores havia quase dez anos.

– Você precisa fazer pelo menos uma lista – declarou April, vendo que Ramona não respondia.

– Uma lista?

– Uma *lista* – repetiu a amiga. – Um objetivo. Um plano de ação em cinco passos ou coisa parecida.

– Que história é essa de plano de ação? – perguntou o pai de Ramona, se aproximando depois de terminar de revisar algumas deixas com a professora de educação artística da escola, que cuidava da iluminação.

Steven ainda mancava um pouco da perna esquerda. Teria para sempre essa sequela. Era um homem alto de cabelo grisalho, um partidão para o público acima dos 50.

– O senhor também precisa de uma lista, Sr. Riley – disse April, que nunca havia se acostumado a chamá-lo apenas de Steven. – Já ouviu falar do Bumble?

– Que bambolê?

Ramona deu risada.

– Bumble é um aplicativo de namoro, pai.

– Ah. – Steven passou a mão pelo cabelo farto, ficando meio corado. – Ah, sei lá, isso é...

– Ridículo – completou Ramona.

Seu pai não precisava de um aplicativo para conhecer alguém. Se quisesse, simplesmente conheceria. April inclinou a cabeça, olhando para os dois com aquela expressão meio aterrorizante que significava que estava tramando alguma coisa.

– Enfim – disse Ramona, apertando ainda mais o cinto. – Hora do show.

A PEÇA DUROU APENAS uma hora, e Ramona só precisava estar no trabalho às quatro. Assim, depois de ajudar as crianças a pendurar as fantasias em cabides em vez de largá-las de qualquer jeito no piso de cimento do camarim, ela e April foram a pé até o centro da cidade.

– Tá bom, me escuta – falou April, virando-se para encarar a amiga.

O sol suave de maio salpicava uma luz dourada através das árvores em flor; ao longe, o límpido céu azul fazia o lago Clover cintilar como uma safira. Era um lago enorme (não no nível do Winnepesaukee, mas quase), e a cidade toda o rodeava como uma lua crescente. Os turistas da temporada de verão já começavam a chegar; depois de passarem o inverno fechadas, as casas perto do lago estavam se abrindo e carros lustrosos ocupavam as calçadas antes vazias. Ramona adorava o verão em Clover Lake. Na verdade, adorava todas as estações, mas o verão tinha certa magia, um ar de liberdade e possibilidades.

– Você não tem nenhum corpo para rabiscar, não? – perguntou ela, sorrindo.

April sorriu também, a camiseta do Nirvana de gola cortada escorregando e exibindo o ombro tatuado.

– Só às seis. Até lá, você está presa a mim.

– Como se fosse um grande sacrifício – respondeu Ramona, enganchando o braço no de April.

– Olha aí. Isso é parte do problema.

– Que problema?

– Você é boazinha demais!

Ramona suspirou.

– Amiga, eu *gosto* de fazer fantasias.

– É, eu sei. Tanto que queria ser figurinista. Los Angeles, Nova York? Que tal palcos ou filmes com atores que pelo menos já passaram da puberdade? Tipo, um sonho de verdade?

– Humm – resmungou Ramona, batendo o dedo no queixo. – Acho que ontem sonhei que minhas mãos viravam garras de caranguejo. O que será que isso significa?

– A gente procura no Google – disse April, contornando uma bicicleta azul-turquesa apoiada num poste de luz. – Enquanto isso, você precisa fazer alguma coisa que não envolva vestir pré-adolescentes ou servir Chardonnay ruim para turistas que estão pouco se importando que todo Chardonnay é uma porcaria. Que tal conhecer gente nova?

– Como assim?

– Romance. Beijo na boca. Gente bonita. Sexo.

Ramona tentou responder.

– E *nem pensar* em Logan Adler – emendou April.

Ramona desistiu de qualquer resposta. Logan tinha sido seu namorado-ioiô nos últimos cinco anos, mais ou menos. Ele nascera e crescera ali em Clover, assim como ela. Era um cara legal e gostoso que administrava a loja de móveis da família e com quem Ramona gostava de transar, mas só isso, o que explicava por que estavam sempre terminando só para depois se pegarem de novo.

E de novo.

E de novo.

Nem era preciso dizer que April desaprovava o relacionamento. Dizia que Ramona merecia alguém emocionalmente mais estimulante que um picolé de chuchu em forma humana.

– O Logan é legal – argumentou Ramona.

April deu um grunhido. Ramona até tinha saído com algumas pessoas nos últimos anos. Só não era muito de namorar. De vez em quando transava com alguém, April sabia, mas era verdade que a última vez tinha sido... fazia mais de seis meses? Na verdade, um ano, com aquela turista chamada Andrea que ia ao café duas vezes por dia porque achava Ramona gata.

Tudo bem, já fazia um ano – com um pouco de Logan aqui e ali, talvez –, e Ramona meio que estava num período de abstinência, mas é que o último ano escolar de Olive havia sido uma correria. Ganhar uma bolsa integral numa universidade particular de alto nível graças ao desempenho no softball não era pouca coisa. E Olive tinha conseguido. Agora...

Agora?

Ramona sentiu uma onda de nervosismo.

– Sair com alguém que não seja o Logan é um primeiro passo – comentou April. – É um jeito de tirar você da zona de conforto, para começar a pensar em largar o café e trabalhar como figurinista de verdade. É fácil.

Ramona riu.

– Ah, claro. É moleza, né? Você sabe que não é bem assim, April Evans.

A amiga não namorava sério havia mais de um ano, desde que Elena Watson decidira terminar o noivado faltando um mês para o casamento já todo pago. Não só isso: Elena a trocou por outra, uma tal de Daphne Love, uma estudante de Artes de 22 anos. Foi um baque para April. Ela havia conhecido Elena três anos antes, num bar em Boston, e vivido uma noite mágica: as duas caminharam pelas ruas de pedra de mãos dadas, fizeram um passeio guiado pelos famosos lugares mal-assombrados da cidade, contaram sua história de vida e, por fim, foram para o apartamento chique de Elena, onde, nas palavras de April, tiveram *a melhor transa do universo*. Até os estoicos pais de April (os doutores Preston e Jacqueline Evans, que raramente entendiam qualquer coisa que a filha dizia ou fazia) adoravam Elena. A cidade toda adorava. Era uma mulher linda e elegante, curadora do Museu de Belas-Artes de Boston, que amava a personalidade irreverente e sombria de April. Até mesmo a celebrava, o que sempre fora o maior desejo da amiga.

Desde a separação, April tinha retomado os hábitos pré-Elena, limitando-se a encontros casuais e noitadas, raramente saindo com alguém mais de

uma vez. Até aí, tudo bem. O problema era que Elena era a única pessoa por quem April já tinha se apaixonado, e Ramona temia que a amiga estivesse com medo demais para tentar de novo.

– Se eu tenho que sair com alguém, *você também tem* – disse Ramona, baixinho. – E *nada* de pegar galinhas tipo Leigh Reynolds.

April semicerrou os olhos. Leigh era uma antiga amizade delas, dos tempos do ensino médio, e o contatinho preferido de April sempre que Leigh aparecia na cidade para visitar a mãe.

– Você não sabe o que está perdendo – respondeu April, e levantou o dedo. – Ah, perai, sabe, sim...

Ramona bufou.

– Eu nunca fui pra cama com Leigh!

– Estou falando do piranho mais adorado de Clover Lake, Logan Adler.

Ramona tentou segurar a gargalhada.

– Isso não muda o que eu disse.

– Tá bom – respondeu April, os ombros murchando diante da derrota. – Se você não quer conhecer ninguém, o que vai fazer? Viajar para Nova York? Los Angeles? Voltar para a Escola de Design? Você pode...

– Não vou voltar a estudar – declarou Ramona com firmeza.

Ela não conseguia pensar em nada mais humilhante. Além disso, não teria como pagar a universidade – nem aquela, nem qualquer outra. Antes, havia conseguido uma bolsa integral, algo que tinha certeza de que a Escola de Design não dava a garçonetes de 31 anos.

– Beleza – disse April. – Mas já mandou seu portfólio para alguém? Agentes? Caça-talentos?

Ramona fechou os olhos por um instante e respirou fundo. Amava April, intensa e profundamente, mas escorpianas viviam em transformação (pelo menos de acordo com April), enquanto Ramona era o tipo de pessoa que comia sanduíche de peito de peru com abacate, espinafre e queijo havarti no almoço todo santo dia.

– Ainda estou fazendo alguns ajustes – respondeu ela, pensando em seu portfólio digital intocado no iPad, metade feito, metade na imaginação. – Além disso, a chance de...

– Mas o que é que está acontecendo nessa cidade maluca dessa vez? – perguntou April.

Ela tinha parado na calçada a um quarteirão do Café da Lua. Ramona olhou em volta: lojas com toldos verde-escuros, azul-marinho e cinza ocupavam ambos os lados da Lake Street. Era uma linda tarde de sábado, então havia muita gente ao ar livre, mas quase todo mundo estava em grupos de duas ou três pessoas, reunidos com os celulares nas mãos e gesticulando com entusiasmo.

– Só Deus sabe – respondeu Ramona, puxando April.

Parou em frente ao café e deu uma olhada no próprio reflexo na vitrine. Na semana anterior, havia terminado um ensaio geral na escola e chegado ao trabalho com um cílio falso colado na bochecha e glitter no cabelo. Não confiava em April para indicar qualquer coisa fora do lugar em sua aparência, porque ela era do tipo que perdia a amiga mas não perdia a piada, e achava que Ramona se levava a sério demais.

Ramona prendeu o cabelo castanho ondulado num rabo de cavalo alto e ajeitou a franja. Não havia glitter em suas muitas sardas, nem manchas de rímel ou cílios extras nos olhos castanho-escuros. Estava usando uma blusa justa de algodão, de gola alta com estampa abstrata em preto e branco. Ela mesma havia criado a peça, anos antes, quando ainda estava empenhada em montar seu portfólio. Além disso, tinha tanta dificuldade em encontrar peças interessantes que caíssem bem em seu corpo (principalmente nos seios) que, na época, criava a maior parte das próprias roupas plus size. Felizmente, quase todas ainda serviam. Ramona alisou o jeans com as mãos ao mesmo tempo que April deu um tapa em sua bunda.

– Você tá muito gata. Vou até tirar uma foto para pôr no seu perfil no app...

– Oi? Que foi? Ih, não dá para ouvir nada – cantarolou Ramona, abrindo a porta do café e deixando-a se fechar na cara de April.

Ela piscou para a melhor amiga através do vidro e recebeu um dedo do meio em resposta.

O Café da Lua era lanchonete, cafeteria e bar, tudo ao mesmo tempo. A atmosfera era calorosa, com um balcão de madeira cor de âmbar, mesas com cadeiras descombinadas e cordões de lâmpadas em vários tons de azul e verde pendurados no teto de pinho. Ramona adorava o lugar e, ao se sentar com April diante do balcão para comer alguma coisa antes de começar o expediente, lembrou-se da sorte que tinha.

Adorava sua cidade.

Adorava o café, mesmo que nem sempre gostasse do trabalho.

E tinha uma melhor amiga que a amava o bastante para encher seu saco a respeito de... bom, de tudo.

Ramona Riley ia muito bem, obrigada.

– Está acontecendo a mesma coisa aqui – comentou April pelo canto da boca.

Ramona virou o cardápio de plástico que conhecia de cor, percebendo que pelo menos três quartos dos clientes também estavam de olho no celular, tagarelando um pouco mais alto do que o normal.

– Oi, gatas – cumprimentou Marion, atrás do balcão, colocando copos d'água na frente delas. – O de sempre?

– Marion, o que está acontecendo aqui? – perguntou April.

Marion fez uma bola de chiclete e a estourou, arregalando os olhos.

– Não ficou sabendo?

Ela tinha 50 e tantos anos e trabalhava no Café da Lua desde a adolescência. Por isso, sabia tudo sobre todo mundo.

– Sabendo do quê? – indagou Ramona.

Marion sorriu.

– Dessa você vai gostar, Mona.

Ela tirou o celular do avental, deu alguns cliques e o entregou a Ramona. April se aproximou para ler um dos posts diários do blog de Penny Hampton sobre tudo o que acontecia na cidade, intitulado *Vale a Penny Saber*. Clover Lake tinha um jornal da cidade, mas, se quisessem as fofocas, as *histórias verdadeiras*, como dizia Penny, os moradores sabiam exatamente onde encontrá-las.

– Puta merda – murmurou April, que sempre lia depressa.

Ramona mal tinha passado das primeiras frases.

Faz vários meses que a prefeita de Clover Lake, Amira Gates, tem travado uma negociação secreta – que danadinha, dona prefeita! – com a produtora Skylark Studios sobre a possibilidade de filmar um longa-metragem às margens do lago Clover. Bom, as negociações foram concluídas e, daqui a três semanas, Hollywood virá à nossa amada cidadezinha.

É isso mesmo, povo de Clover! Todo o elenco e a equipe de *Como*

se você *não soubesse*, comédia romântica baseada no livro best-seller, chegarão no começo de junho. Preparem-se para ver celebridades, o possível fechamento de algumas das nossas lojas e um centro da cidade mais lotado do que nunca. Pode não ser conveniente, mas com certeza é empolgante! Fontes próximas da prefeitura dizem que o estúdio vai pagar uma quantia generosa pela nossa cooperação, e todo mundo sabe que é o dinheiro que faz o mundo girar. Então, apertem os cintos para embarcar num verão especial!

– É sério? – perguntou Ramona. Penny não chegava a *mentir*, mas era conhecida por exagerar os fatos em nome do drama. – Isso é...

– Perfeito – disse April, Tateando à procura do próprio celular.

– Ah, é verdade, sim – respondeu Marion. – O filme é uma daquelas histórias de “todas as formas de amor”, sabe? Então acho que vocês vão gostar.

Ramona e April (bissexual e pansexual, respectivamente) se entreolharam, embora Marion não estivesse completamente errada. Numa cidade pequena como Clover Lake, onde a mentalidade das pessoas era, convenhamos, às vezes meio limitada, ter um filme queer tomando conta das ruas no verão era um mega-acontecimento.

– É baseado no livro que aquele clube de leitura famoso escolheu um tempo atrás. Entrou em todas as listas de mais vendidos – acrescentou Marion. – Não consigo lembrar o nome da autora, mas...

– Iris Kelly – informou April, que voltara a digitar freneticamente no celular. – Autora de romances queer, totalmente leonina, adoro.

Marion deu de ombros.

– Enfim, Owen confirmou quando cheguei, mais cedo. Parece que uma das personagens principais é garçonne, então vão pagar um dinheirão para ele fechar o café de vez em quando e filmar aqui.

– Sério? – disse Ramona.

Tentou imaginar quanto o estúdio pagaria ao proprietário do Café da Lua. Aquele lugar era a vida de Owen; pertencia à família dele havia três gerações.

– Sério. – Marion tirou uma caneta de trás da orelha e encostou a ponta em seu bloquinho de pedidos.

– Isso vai ser bem interessante – comentou Ramona.

– Vai mesmo – disse Marion, e foi à cozinha passar o pedido do sanduíche de peito de peru dela.

Ramona tomou um gole de água, e April agarrou seu braço, cravando as unhas na carne macia acima do cotovelo.

– Ai! – exclamou ela, sem disfarçar, mas April não a soltou, os olhos colados no celular.

– Noelle. – Foi só o que ela disse.

– Noel? Tipo... Papai Noel?

April finalmente olhou para a amiga.

– *Noelle Yang*.

Ramona sentiu falta de ar. Piscou, mas não conseguiu fechar a boca nem fazer o cérebro funcionar corretamente. Noelle Yang era uma figurinista. Uma lenda no ramo. Também tinha estudado na Escola de Design, décadas antes, depois se mudara para Los Angeles e havia acampado em frente ao trailer de Emmeline Roth no set de *Quando os céus colidem* até a célebre figurinista concordar em falar com ela. Noelle chegara a ser algemada e escoltada para fora do set algumas vezes, embora Emmeline nunca tivesse prestado queixa contra ela. Diziam que a veterana ficara tão farta de ver a garota de 22 anos a espiando pelas janelas que a havia deixado apresentar seu portfólio só para se livrar dela.

O que Emmeline viu, porém, mudou a vida de ambas. Começaram uma mentoria que durou cinco anos, até Noelle ter a chance de liderar a equipe de figurino de *Prefiro morrer* e de cara ganhar um Oscar pelo trabalho. Desde então, ela vestia o elenco de filmes de comédia romântica, ficção científica, produções independentes que ninguém entendia e fantasias mitológicas. Era a *maior* figurinista de Hollywood.

E o ídolo de Ramona desde que ela tinha 9 anos e se apaixonara pelos trajes de *Grandeza*, um filme divertido e sexy sobre Catarina, a Grande, que rendera a Noelle seu terceiro Oscar.

Ramona finalmente conseguiu engolir em seco.

– O que tem a Noelle Yang?

April não conteve um sorriso.

– Você já entendeu.

Ela virou o celular para que Ramona pudesse ver a matéria da *Variety*

sobre *Como se você não soubesse*, com um parágrafo que citava o nome de Noelle e as palavras *liderando a equipe de figurino da comédia romântica queer* destacadas pelo cursor de April.

– É isso – disse April, virando o celular de novo para si e descendo a página.

– É isso o quê? – perguntou Ramona.

– O *acontecimento* – respondeu April. – O acontecimento que vai mudar sua perspectiva e aprofundar sua compreensão do seu propósito de vida.

– Achei que era para acontecer essa semana – disse Ramona. – O elenco e a equipe só chegam daqui a *três*.

April lhe mostrou a língua.

Ramona deu uma risadinha, mas, por dentro, o estômago dava um nó. Noelle Yang. Em Clover Lake. Naquele mesmo café, pedindo várias xícaras ao longo do dia. Ou talvez um croissant. A famosa torta de uísque com mel, cujo preparo Ramona havia aperfeiçoado fazia pouco tempo.

O portfólio lhe voltou à mente, os esboços que tomavam conta de seu caderno de desenho, as centenas de arquivos no computador, os trajes completos que ela mesma havia costurado, lotando o quarto extra na casa do pai, sem ninguém para vesti-los, ninguém para desabrochar entre as costuras.

Em outros tempos, ela havia sonhado exatamente com aquele tipo de oportunidade. Como aluna da Escola de Design, andando pelos mesmos corredores que Noelle percorrera anos antes, também planejando ir para Los Angeles, desejava chamar atenção e se recusaria a aceitar um “não” como resposta. Sonhava em vestir elencos com trajes ornamentados de guerra ou até com uma simples combinação de jeans e cardigã. Eram as roupas que davam vida aos personagens, fazendo as histórias parecerem *reais*.

Mas aí seu pai sofreu o acidente, a família precisou dela e tudo aquilo... ficou para trás.

Agora era tarde demais.

Não era?

– Quem mais está no filme? – perguntou, só para se distrair com outro assunto.

April rolou a página e parou, rolou e parou. Então, sorriu.

– Aubrey Daniels. Ela vai fazer o papel da Mallory. Nossa, que incrível esse livro virar filme.

Ramona assentiu, aprovando a escolha, pois Aubrey era abertamente lésbica e tinha começado a namorar a cantora Reneé Ramirez fazia pouco tempo.

– Quem vai fazer a outra personagem? Como é mesmo o nome dela? Elise?

– Eloise – respondeu April.

Ramona assentiu outra vez, lembrando-se vagamente do nome enquanto colocava o guardanapo no colo. Tinha lido *Como se você não soubesse* no ano anterior, assim como todo mundo no planeta, depois que o livro fora escolhido naquele clube de leitura. Mas, na verdade, era *fã* de Iris Kelly havia alguns anos. Ela e April devoravam qualquer romance queer que aparecesse pela frente.

April semicerrou os olhos, examinando a tela, depois os arregalou.

– Puta merda.

– Que foi? Quem é? – Ramona pegou o copo e tomou um gole de água.

April olhou para ela, boquiaberta.

– É a Dylan – murmurou. – Dylan Monroe.

E, com isso, Ramona não só cuspiu a bebida no colo, como também derubou o copo, espalhando gelo, água e vidro estilhaçado pelo chão.

CONHEÇA OS LIVROS DE ASHLEY HERRING BLAKE

Delilah Green não está nem aí

Astrid Parker nunca falha

Iris Kelly não namora

Vai sonhando, Ramona Riley

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

